

## O CODE SWITCHING NO BRASILDEUTSCHE NO TALIAN

### Abstract

This study shows interpretative analysis about the situational linguistics phenomenon in communities of ethnic minorities in situations where languages be in touch with *Brasildeutsch* and *Talian*. The verbal communicative interaction of the functional process is emphasized in this speech: the codes switching with the objective of showing how the entrants of the conversation use the linguistic and social knowledge and decide about the use of them. The use of this linguistic phenomenon into the social and familiar context shows that the choice of the language depends mainly of the relations among the speakers and the knowledge shared to communities of Portuguese/German and Portuguese/Italian speaking.

**Key Words:** Languages in contact. Ethnic minorities. Code switching.

### 1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre fenômenos lingüísticos em situações funcionais em línguas em contato, o uso de línguas e não de sistema de línguas, podem ser compreendidos, a partir de estudos do *code switching* (alternância de código) com base em Myers-Scotton (1993,1997). Sob a visão da sócio-pragmática, são considerados os fatores sociais, culturais, históricos, étnicos, psicológicos e cognitivos que influenciam uma interação comunicativa. Ao estudar o uso funcional de línguas em contato, em comunidade multilíngues, depara-se com a variação lingüística. As variantes podem manter-se estáveis no sistema ou podem encontrar-se em mutação constante. O objeto da sócio-pragmática é investigar o grau de estabilidade ou de mudança de traços dialetais em uma ou mais de uma comunidade de fala, descrevendo seu comportamento preditivo, explicativo e interpretativo. Enfatiza-se a interação comunicativa verbal do processo funcional de duas línguas de minorias étnicas: o *Brasildeutsch* e o *talian* em duas comunidades do extremo oeste do Paraná.

O *Brasildeutsch*, termo utilizado por Heye (1979, 1986) sobre a situação de diglossia de imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil,

Formou-se uma variedade "B" (*Brasildeustch*), que tem como variedade superposta "A" o alemão padrão da Alemanha. O *Brasildeutsch* é uma variedade composta que compreende elementos do português, de um lado, e elementos dos dialetos alemães constituintes de outro (pomerano e outras formas de *platt*), e se formou através de vários processos de mistura e nivelamento desses dialetos, causados por interação social extensiva entre os membros dos diferentes grupos. O uso do *Brasildeutsch* é comum em conversas informais em família, entre amigos e colegas. O uso do alemão padrão se restringe a discursos formais e à escrita, de acordo com

a diferenciação funcional, sugerida por Ferguson, em Heye (1986, p. 218).

A situação do falar da língua alemã, em regiões colonizadas por imigrantes e descendentes destes no Brasil, não se restringe somente a diglossia, mas, sim, ao uso do falar poliglóstico, e, ou em uma situação de triglossia, visto que os falantes de Marechal Cândido Rondon (MCR) usam o alemão padrão em discursos formais (em ofícios religiosos e escolas); o *Brasildeutsch*, em discurso informais (família e amigos) e o português, tanto em discursos formais como nos informais, ocorrendo uma situação de triglossia, ou seja, a mescla lingüística do alemão normativo, do português e do *Brasildeutsch*, uma variante de uso supra-regional, a mistura de traços dialetais regionais, do *Hunsrückisch* (dialetos locais: francônio, alemão suíço e o suábio) e do *Plattdeutsch* (dialetos locais: pomerano, vestfaliano e *Deutschruss*).

O *talian*, em Palotina (P), também se dá em uma situação de triglossia, o uso do italiano (não escolarizado mais os dialetos italianos trazidos para o Brasil) em contextos formais e informais, o português (letrado e o brasileiro) e o *talian* (variante de uso supra-regional-não escolarizado) a mescla lingüística dos traços dialetais regionais-rio-grandense (belunense, vicentino, mantuano, trevisano, bergamasco, lombardo, feltrino, cremonese, vêneto), nas colocações de Confortin (1998) e os traços dialetais regionais-palotinenses (vêneto, trevisano e belunense).

Os participantes da conversação utilizam os conhecimentos lingüísticos e sociais para decidir sobre o uso dos códigos e o uso destes fenômenos lingüísticos de uso situacional em dois ou mais sistemas lingüísticos no contexto social e familiar nestas duas comunidades de fala.

Este estudo tem como objetivo verificar como se dá o uso intra-sentencial do fenômeno de alternância de código e as estratégias de



interação, usadas pelos falantes bilíngües com relação aos condicionamentos gramaticais e sócio-pragmáticos com base no modelo de Myers-Scotton (1993, 1997) de Língua Marcada (LM) e do Sistema de Língua Base (SLB) no *Brasildeutsch* e no *talian*. Os dados empíricos foram coletados etnograficamente, isto é, pela observação participante e um roteiro de entrevista (GUMPERZ, 1964, MACKEY, 1968 e LABOV, 1986) no convívio público e privado, nestas duas comunidades de minorias étnicas. A primeira, com imigrantes e seus descendentes alemães e a segunda, com italianos e seus descendentes. O resultado do uso dos fenômenos de alternância de código intra-sentencial, no contexto social e familiar, mostra que a escolha da língua depende, principalmente, das relações existentes entre os interlocutores e dos conhecimentos partilhados por eles. Os participantes da interação comunicativa dessas duas comunidades demonstram a sua expressão de lealdade com sua identidade étnica e cultural. O uso intra-sentencial do fenômeno de alternância de código do modelo da LM é uma situação consciente de marcar a sua enunciação assim como uma experiência interior de expressar idéias e pensamentos de maneira mais significativa e relevante. E o SLB aborda apenas um índice limitado de opções gramaticais, em uso nessas duas comunidades de fala.

## 2 OS USOS LINGÜÍSTICOS SITUACIONAIS EM LÍNGUAS EM CONTATO

As línguas em contato apresentam-se como uma linguagem intercultural, dinâmica, interativa e interdiscursiva, caracterizando a heterogeneidade lingüística em sociedades em que coexistem culturas distintas. O precursor de estudos sociolingüísticos em situação de contato entre línguas foi Weinreich. Para o autor, bilingüismo é “o uso de duas línguas alternadamente pelo mesmo falante” (1953, p. 01). Seus estudos caracterizaram todas as formas de influência interlingüística de interferência e/ou transferências lingüísticas, que ocorrem com pessoas socialmente organizadas em que a situação e os participantes da interação comunicativa determinam a forma e os estilos situacionais da enunciação.

Nas comunidades multilíngües (Marechal Cândido e Palotina), sobre o *Brasildeutsch* e o *talian*, observou-se o uso regular de uma variante para finalidades mais públicas ou formais (igreja, escola) e, outra, para situações mais informais

(familiar e grupo de amigos). A heteroglossia pode ou não ocorrer nas duas comunidades de imigrantes e seus descendentes.

Mesmo nas línguas mais padronizadas existem variações de emprego consideráveis, pois a diversidade das variantes e os traços dialetais podem manifestar-se em todos os planos da língua, tanto nos estruturais, como nos não-estruturais.

Nesse sentido, Heye desde a década de setenta até hoje, trata os estudos sobre dimensões do bilingüismo em que alguns fatores são responsáveis pela caracterização de situações de línguas EM contato. Por um lado, há *uma menor simplificação estrutural*, caracterizando o individual (bilingüidade: formas de domínio lingüístico e/ou funções de uso lingüístico) e o societal (bilingüismo: residual ‘para um processo de monolingüismo’ e/ou estável ‘equilibrado’), e, por outro, *uma maior simplificação estrutural* de línguas DE contato: quanto à forma (- mistura ‘língua franca > koiné’) e/ou função (+ mistura ‘pidgin > língua crioula’). Estas situações de usos lingüísticos podem ocorrer em comunidades multilíngües, ou seja, quanto aos fatores étnicos, culturais e históricos à comunidade lingüística, o *status* relativo aos falantes e às línguas, os papéis e as funções sociais, o tópico referente ao domínio lingüístico e sócio-pragmático.

Savedra e Heye (1993, 1996) e Savedra (1994) focalizam esses estudos sobre as dimensões de bilingüismo para tratar dos estágios de bilingüidade que são os responsáveis pelos processos de fluidez e dinamicidade das situações de bilingüismo. Os autores fazem uma distinção entre bilingüismo e bilingüidade. A bilingüidade é definida como os diferentes estágios de bilingüismo, pelos quais os falantes bilíngües passam pela trajetória de sua vida e trata, de forma relativa, a bicompetência lingüística, comunicativa e cultural. Esses estágios são considerados como processos fluídos e dinâmicos, pois toda situação de bilingüismo se caracteriza por vários estágios de bilingüidade. Os bilíngües se tornam falantes de dois códigos lingüísticos distintos e os utilizam, funcionalmente, em determinadas comunidades de fala, em diferentes ambientes comunicativos: familiar, social, escolar e profissional. Toda a situação de coexistência de duas línguas (por exemplo, alemã/portuguesa e portuguesa/italiana), em diferentes espaços sociais, como meio de comunicação social, trata de um estado situacionalmente partilhado do uso de duas línguas e deve ser analisado de acordo com os diferentes estágios do bilingüismo, ou seja, nas relações de uso das línguas nos vários contextos, ou nas formas de



domínio lingüístico e/ou de funções de uso lingüístico.

Pode-se constatar que há distinção sobre as definições de bilingüismo e bilingüidade (BAETENS BEARDSMORE, 1981, *apud* TITONE, 1998; e SAVEDRA e HEYE, 1993, 1996; SAVEDRA, 1994). Como já foi citado anteriormente, o bilingüismo é uma condição individual e societal. Por isso, é necessário considerar, nesta pesquisa de "línguas em contato", o bilingüismo, como um conceito relativo, assim como o foi denominado por Mackey (1968), pautado por Heye (1979), Borstel (1992) e Savedra (1994). Nas considerações de Mackey, o bilingüismo é mais individual do que grupal. Isso implica: (a) definir, quantitativamente, cada indivíduo bilíngüe isoladamente, considerando os vários aspectos presentes no bilingüismo; (b) intuir, a partir de comparação entre um caso e outro, tipos de indivíduos bilíngües; (c) relacionar os fatores que determinam o uso e controle de L1 e L2 de seus respectivos sistemas lingüísticos.

A bilingüidade, como foi abordada acima, é definida como os diferentes estágios de bilingüismo, segundo Savedra e Heye, (1993, 1996) e Savedra (1994), ou, segundo Baetens Beardsmore (1981, *apud* TITONE, 1998, p. 6), como um estado psicológico, que pode ser definido como um estado do indivíduo, em que o falante tenha acesso ao uso de mais de um sistema lingüístico. A essa acessibilidade inclui-se um grande número de fatores não-lingüísticos, bem como o grau de acesso a cada código lingüístico, que pode variar entre indivíduos bilíngües. Segundo Titone (1998, p. 7), o indivíduo bilíngüe tem habilidade de expressar os estados ego-dinâmicos (atividade da própria personalidade do indivíduo: experiência pessoal, mentalidade, estado afetivo e emocional) através de estratégias de codificar mais de uma língua. Ou segundo vários estudiosos de línguas em contato, o falante domina dois ou mais códigos lingüísticos distintos e os utiliza, funcionalmente, em determinadas comunidades de fala e em diferentes ambientes comunicativos.

Mas, para isso, é necessário que o indivíduo bilíngüe tenha consciência de processar ou usar duas ou mais línguas, de ser identificado em duas ou mais culturas, ser capaz de produzir interações comunicativas em dois ou mais códigos, com pronúncia aceitável e com domínio das respectivas línguas, bem como ser capaz de pensar e calcular em duas ou mais línguas diferentes, de mensagens relatadas, controladas e programadas em códigos e situações diferentes.

Estes aspectos mostram que o falante bilíngüe interage, continuamente, com o meio ambiente em todos os seus componentes (físico, emocional, social, cultural) e, assim, constrói uma estrutura de vida estável e caracteriza-se com um comportamento distinto e único. Esta interação comunicativa é essencial na aquisição lingüística da primeira língua e no aprendizado da segunda. Isso explica porque uma das características básicas do indivíduo bilíngüe é a identidade cultural e étnica com todas as suas escoras sociais.

Com base no exposto acima, pretende-se analisar, sócio-pragmaticamente, o bilingüismo, em termos funcionais, isto é, como o falar alemão/português e o falar português/italiano são usados situacionalmente nestas duas comunidades multilíngües do Paraná e, a que estágios de bilingüismo estes falantes estão expostos.

Os fenômenos lingüísticos que acontecem em situações de línguas em contato, podem ser compreendidos, a partir de estudos de interferência, empréstimos, mistura de língua e alternância de código.

Haugen (1973) e Hymes (1972), observaram que, em línguas em contato, o fenômeno de interferência é mais relevante do que a interpretação do efeito do processo de interferência morfológica e, ou fonética. Porém Diebold (1964, p. 97-112) cita que a mudança, resultante do processo de *bilingualization* é chamada de interferência ou empréstimo, enquanto para os antropólogos, este processo de aprendizagem é *aculturação*, e o seu resultado vem a ser o empréstimo. Há, portanto, segundo esta abordagem, dois aspectos a considerar: o processo de aprendizagem bilíngüe (bilingüismo e aculturação, e o efeito deste processo), e o de alternâncias lingüísticas e empréstimo, tanto ao nível da língua quanto ao da cultura.

As línguas, cujos povos têm sistemas políticos, culturais e econômicos mais fechados, sofrem transferências lingüísticas e empréstimos bem menos acentuados, como a França, que tem uma concepção mais conservadora de sua língua (MARTINET, 1995, p. 141-142). Porém países que receberam uma variedade muito grande de imigrantes de várias etnias, assim como o Brasil, apresentam situações lingüísticas das mais variadas quanto ao multilingüismo, quer dizer, com relação aos fenômenos de alternâncias fonológicas, empréstimos, misturas de línguas e alternâncias de códigos, tanto ao nível lingüístico como sócio-pragmático. É imperativo referenciar os aspectos societal, cultural e a identidade de



um determinado grupo de minorias lingüísticas.

Hoffmann (1991, p. 95), em estudos recentes, trata distintamente os traços de fala bilíngüe, no que diz respeito às interferências, empréstimos, misturas de língua e alternância de códigos. Mas no campo da lingüística, não há cortes claros de distinção ou abordagens de comum acordo para analisar ou descrever as definições, pois alguns podem se cruzar em tempos, ou parecer contraditórios. Separar termos de mistura, como por exemplo, a forma plural do alemão: *die Ohrens (die Ohren* 'as orelhas'), dos termos de alternância de código (*Die Ohrens do papai sind groß* 'As orelhas de papai são grandes') não é tão fácil quanto parece ser. Para o autor, há traços totalmente notáveis na fala de falantes bilíngües jovens e adultos, quando direcionados de um para outro falante, tanto em relação aos traços de alternâncias fônicas, como de empréstimos, misturas de línguas (os traços são mais notáveis em crianças) e alternância de códigos.

Para Mackey (1968), assim como para Grosjean (1982, p. 299), existe uma definição neutra de transferência: *a influência involuntária de uma língua para outra*, que as distingue de empréstimo e alternância de código, as quais parecem menos involuntárias. De acordo com Grosjean, um falante bilíngüe quando fala a um monolíngüe, utiliza a alternância de código e empréstimos para poder se comunicar e, por isso, desvia-se da forma lingüística normativa.

Como há o uso involuntário e espontâneo de um código lingüístico para outro, em comunidades culturalmente multilíngües, é necessário conceituar, exemplificar e interpretar o fenômeno de uso lingüístico: alternância de código, em grupos de minorias étnicas.

### 3 A ALTERNÂNCIA DE LÍNGUAS EM COMUNIDADES MULTILÍNGÜES

Os estudos sobre a alternância de código são fenômenos de uso de língua bastante evidentes em falantes que vivem em comunidades multilíngües étnicas. Atualmente, os estudiosos de línguas em contato têm dado ênfase aos estudos de alternância de código, que vem a ser o uso de dois sistemas gramaticais de línguas lado a lado, ou subsistemas gramaticais a um mesmo ato de fala de falantes bilíngües. Porém, as regras gramaticais desses dois sistemas não podem ser prejudicadas. Portanto, a alternância é possível, tanto entre diferentes variações ou registros de

uma língua, como entre línguas diferentes (HOFFMANN, 1991, p. 110; MYERS-SCOTTON, 1993, p. 480; MILROY e MUYSKEN, 1995, p. 180). Por isto, o conceito de bilingüismo, nesta abordagem sobre línguas em contato, deve ser representado por multilingüismo ou plurilingüismo, como mostra o exemplo, em que aparece a língua normativa alemã, o português e o *Brasildeutsch*: "*Mir ware heute morgen noch fortgegangen lá na Norma, a mãe dela está mal, nós fomos lá um pouco,... sie ist so schlecht, aber tão mal, ich weiss net, se ela passa de hoje..*" 'Nós ainda saímos hoje de manhã lá na Norma, a mãe dela está mal, nós fomos lá um pouco,... ela está muito mal, mas tão mal, eu não sei não, se ela passa de hoje' (OP em MCR, BORSTEL, 1999).

As pesquisas sobre alternância de código têm abordado tanto as questões restritas à lingüística assim como a função que tem no discurso. Os pesquisadores, acima citados têm tentado determinar a possibilidade de predizer em que ponto pode ocorrer a alternância de código, de que maneira acontece a troca que condiciona o processo de alternância lingüística conversacional e como os falantes negociam esta interação. Os resultados destas pesquisas têm demonstrado que, tanto os fatores externos ou sociais, como os internos ou lingüísticos, afetam, de uma ou de outra forma, as ocorrências de alternância de código. Os fatores externos podem ser identificados em uma comunidade lingüística: no falante, no tópico da conversação e na identificação étnica do indivíduo (HEYE, 1979). Geralmente, há variações de indivíduo para indivíduo com relação ao uso da alternância de código, tanto nos aspectos externos como internos. Os fatores lingüísticos que motivam a alternância de código não são tão fáceis de identificar, visto que a alternância de código pode ser motivada por questões sociolingüísticas/pragmáticas.

Os modelos estudados para interpretar a alternância de código concentram-se, na maioria das vezes, em dois aspectos diferentes: um no plano lingüístico de regras gramaticais, denominados de condicionamentos gramaticais e, o outro, no plano sócio-pragmático, pelo qual se entende a alternância de código como uma estratégia discursiva na interação comunicativa de falantes multilíngües.

Este último plano tem como base o estudo interacional de Gumperz (1982). O autor entende que a alternância de código existe entre duas línguas, no discurso, na mudança, bem como entre diferentes variações de uma língua (por exemplo,



a língua normativa alemã e a variação de seus dialetos suábico, vestfaliano, francônio e pomerano). As duas situações apresentam uma opção para o falante. Se a comunidade do falante é monolíngüe, bilíngüe ou multilíngüe tem uma função pragmática que são as possíveis funções a que as mudanças no discurso podem servir. Gumperz (1982b, p. 75-84) nomeia a diferenciação de alternância de código, entre discurso direto e indireto que é transmitida a um determinado destinatário, e cita o uso de interjeições, das expressões retóricas, que dão sentido de repetição de enunciados, a determinação mais próxima do que foi dito, e a marca da personalização *versus* objetividade do falante. Para Gumperz (1982b, p. 89), os condicionamentos sintáticos são mais dependentes dos aspectos pragmáticos do que os da gramática.

Além dos estudos sobre as funções pragmáticas de Gumperz, existem muitas outras. Em princípio, todas são parecidas. Appel e Muysken (1987, p. 118-120), por exemplo, diferenciam funções referenciais, diretivas, expressivas, fáticas, metalingüísticas e poéticas, assim como nos estudos de Silva-Córvalan (1989, p. 180-181), ocorrem em citações, discurso indireto, repetições, interjeições, estilo pessoal subjetivo e retórico.

Para Myers-Scotton (1993, p. 493), há uma extensa literatura sobre as funções dos modelos, socialmente motivados, de desempenho de alternância de código, e as motivações são amplamente sociais. Os aspectos sociais foram abordados por Blom e Gumperz (1972), Gumperz (1982) e pelos estudiosos citados, nestas últimas décadas.

Para Myers-Scotton, nem todos os grupos sociais mostram os mesmos tipos de estruturas de alternância de código, mas todos que são abordados podem ser motivados pelo modelo marcado e acompanhados sob condicionamentos estruturais da língua base. Nos estudos de associações, com variáveis demográficas, segundo pesquisas desenvolvidas por Poplack (1988), há uma associação da extensão de empréstimos e variáveis independentes de alternância de código (localização da comunidade regional, classe social, idade e proficiência da língua). As motivações sociais, com características prosódicas, com base nos estudos de Poplack (1980, 1988), Poplack e Sankoff (1988) e Swigart (1992); o contraste de freqüências de alternância de código intersentenciais *versus* intra-sentencias, conforme pesquisas desenvolvidas por Treffers-Daller (1991) e Gardner-Chloros (1995); e a investigação

sobre as diferenças estruturais de domínio da língua e padrões de alternância de código, de Bentahila & Davies (1983) que apresentam, paralelamente, às suas pesquisas, os estudos de Nortier (1990), Pfaff (1990) e Poplack (1980). Também Borstel (1992, 1999) e Damke (1997) estudaram o desempenho da alternância de código no falar do *Brasildeutsch*, com base nas motivações sócio-pragmáticas.

#### 4 OS USOS DE LÍNGUAS E OS FATORES SÓCIOS/CULTURAIS/ÉTNICOS

Os pesquisadores acima citados mostraram diferenças com base na análise e na interpretação dos modelos e padrões de alternância de código utilizados, pois os falantes apresentavam domínio de mais de uma língua, como pode ser observado nestas situações lingüísticas: “*Der Mann hat das casa e a colônia verkauft*” ‘O homem vendeu a casa e a colônia’ (OP em MCR, BORSTEL, 1999); “*Ich wohnen agora in Rondão, antes morava em Pão Schartim*” ‘Eu moro agora em Rondon, antes morava em Bom Jardim’ (OP em MCR, BORSTEL, 1992).

A partir destes exemplos de fala, pôde-se constatar que não houve rompimento da cadeia de regência nos grupos frasais e, ou verbais que determinam a estrutura matriz. O *Brasildeutsch* e o alemão padrão são, basicamente, idênticos no nível de suas estruturas na forma lógica, isto é, as regras de estrutura sintagmática são as mesmas, mas as regras transformacionais e fonológicas alteram as frases, dando origem a diferenças na forma fonética.

Isso foi constatado na comunidade de fala de Marechal Cândido Rondon porque muitos dos participantes da interação comunicativa tiveram uma formação letrada sobre a língua alemã normativa, mesmo tendo uma cultura de origem rural. Porém, isso não ocorre na comunidade de Palotina, com o falar italiano, pois este grupo étnico não teve uma formação letrada. No início da colonização, o aprendizado da língua italiana, no Brasil, foi espontâneo, através de uma tradição oral, perpetuada de geração a geração pela família. Foi mais tarde que surgiu a literatura impressa do italiano no Brasil. Observou-se a mistura de língua e/ou interferência lexical da língua materna no português, nas interações comunicativas com as mulheres, com base na pesquisa de Borstel e Dotto (2002), “...*O dialeto pra noi* (nós) *é meio a meio, mas quando chega*



na gramática no entendo niènte (nada),... não fui pra escola, também mia màmma (minha mãe) morreu quando eu era criança... a nònna disse que era mia la cossita (minha a cozinha) e era para cuidar e limpar..”. O mesmo fenômeno de uso lingüístico ocorreu nas interações com os jovens palotinsenses, como se pode ver nas falas dos participantes. O de oito anos de idade disse: “...no sítio eu ajudo meu pai a tratar os animais e o meu cavalin manhar (cavallina: égua pequena manhosa)... come um bocado de capim...”; o de onze anos de idade expressou-se desta forma: “...é assim...parecido como um fasoi (feijão)...é como fasoi...”; e o de nove anos de idade disse o seguinte: “Me coça el náso (o nariz)!”. Já nas interações comunicativas com os homens pôde ser observada a alternância de código, como no caso do participante de sessenta e oito anos, agricultor, migrante de Severiano de Almeida, RS, com quatro anos de escolaridade, que disse: “..Là in casa se parlaia (parlàre:fala) tuti (tutto: tudo) in italiano, o brasileiro só na escola. Parlar brasiliam, le dizia la nònna. Nós aqui em nòstra região qua (qui), quenede (como) tuti fosti (todos fossem) da Itália, né. E iora (agora) muitos vão passear na Itália, i vem di volta, i parlar...um tal di parlar... si parla una parola i altri não entende... una parola ma una còsa elu (elucidàre: explicar), non. Le còsa non dá nem pra acreditá, non...”. Outro participante, de sessenta e sete anos, que também é agricultor e veio da mesma região do Rio Grande do Sul, com a mesma formação escolar, falou: “Mi língua italiana...una língua mòlto bella... eu canto mi língua porque a gente intenti (intendènte; entender)) o talian. La màmma parlaia mòlto o talian. Mio fiol (meu filho), el último nascido,... non parlar talian. Só costumáto a parlar in brasiliam.” (OP, em Palotina, por BORSTEL e DOTTO, 2002).

Os usos destes fenômenos de língua, as diferenças e as diversidades dialetais destas duas culturas étnicas podem ser ratificados pelos estudos de Manfroi (1979) e Costa (1979), sobre o início da colonização das colônias européias (alemã e italiana) no Rio Grande do Sul.

Conforme foi citado por Manfroi (1979, p. 190-192), as colônias européias do Rio Grande do Sul viveram, durante muito tempo, isoladas no interior do estado e dos gaúchos. Este isolamento foi imposto pelo próprio sistema de colonização, o que favoreceu a homogeneidade étnica/cultural e o uso dos vários dialetos das regiões de origem desses imigrantes alemães e italianos. Porém, há

grandes diferenças com relação à preservação e conservação das línguas. A língua alemã foi preservada através da igreja, escola, imprensa e pela comunidade étnica organizada, ao realizar o culto (igreja protestante), onde se ensinava a ler, escrever e a calcular na língua alemã letrada. Porém, a preservação da língua e cultura italiana foi, simplesmente, espontânea, através da oralidade familiar, pois os colonos italianos mostravam pouco interesse pela instrução escolar de seus filhos. Segundo Manfroi (1979, p. 192-193), o ambiente cultural e lingüístico que identificavam a etnia italiana no Brasil eram os pequenos vilarejos natais da Itália. Os colonos italianos eram regionalistas e provincianos. O essencial de sua cultura estava contido numa certa prática da religião católica, dos cantos e dos hábitos e costumes, e, em torno desta prática social eles foram, através da memória coletiva, reconstituindo e resgatando os traços dialetais, todos aqueles elementos e momentos dos quais se recordavam das regiões da terra natal.

Costa (1979, p. 200) cita que os primeiros imigrantes italianos eram letrados, mas a primeira geração desses descendentes, nascidos no Brasil, e os imigrantes menores vindos da Itália, eram analfabetos. Neste sentido, constituíram comunidades semiletradas, porque possuíam pouco ou insuficiente letramento. Havia, porém, um maior cuidado com os filhos homens para que estes aprendessem a ler e a escrever, pois estariam mais propensos a negociar e a administrar os bens. Já, as filhas mulheres não necessitavam desses conhecimentos, pois elas eram responsáveis pela lida do lar. Esta realidade pôde ser observada na pesquisa desenvolvida em Palotina, em que os homens têm uma fluência e um melhor domínio da língua materna (o talian) do que as mulheres.

A análise interpretativa de fenômenos de usos lingüísticos sobre alternância de código do *Brasildeutsch* e do *talian* tem como base o Modelo de Língua Marcada e Sistema de Língua Base, segundo os estudos de Myers-Scotton, quanto ao plano lingüístico de condicionamentos gramaticais e sócio-pragmáticos.

Para a autora, em um primeiro momento, o princípio que articula uma das premissas do *Markedness Model* é que as pessoas estão, naturalmente, predispostas a explorar escolhas de códigos como “posições” de negociações. Isto é, os falantes usam suas escolhas lingüísticas como ferramentas, para indexar com suas próprias percepções, assim como, respeitar as suas próprias percepções e as dos outros. Em qualquer



negociação o princípio de negociação usa as máximas de Grice (1975, p. 41-55): uns podem concordar ou não, sobre as disputas de objetivos sócio-pragmáticos em enunciações lingüísticas.

Em um segundo momento, os falantes prestam atenção aos marcadores relativos às escolhas de códigos. Para Myers Scotton, todos têm uma teoria inata de marcadores e indexadores, incluindo um *Markedness Metric* (métrica de marcação). Esses falantes estão predispostos às interações específicas em suas comunidades, ao apontar usuários de códigos, marcados em repertórios lingüísticos, ou seja, os falantes, só fazem esses usos, quando esta prática é constante na língua em uso de sua comunidade, desenvolvendo, dessa maneira, uma percepção em que o código é mais despercebido na interação X, dando um elemento em destaque Y para fatores situacionais da interação X. O código W é indexado aos direitos e deveres de itens, normalmente aguardados (com expectativas), para manter um tipo de interação comunicativa.

Quando um falante, de fato, faz uma escolha não-marcada, é tomado como indexador ou como expectativa do item de direitos e deveres. O elemento marcado, certamente, é um conceito dinâmico. Em qualquer momento, os códigos variam em suas leituras marcadas de um tipo de interação para outra, e suas leituras estão, também, abertas para mudanças com o tempo. Na maioria dos tipos de interações, o código de escolha não-marcada é mais despercebido que o outro, ocorrendo o indexador do item de direitos e deveres.

O participante, então, faz uma escolha, com base nos tipos de *status* da língua, podendo se referir às expectativas normativas do ouvinte, ou decidir-se pela opção da fala não-marcada, ou, ainda, através de uma opção informal, marcada na língua, pode tornar claro ao ouvinte a relação especial de direitos e deveres do uso das línguas. Através da alternância de código, o falante tem a possibilidade de adequar-se a mudanças situacionais e, posteriormente, expressar sua aproximação ou sua distância do interlocutor.

Segundo o modelo, a alternância de código, de acordo com a Estrutura da Língua Base de Myers-Scotton, faz supor que os condicionamentos básicos são de um nível mais abstrato do que a estrutura superficial da frase, pois estes provêm do léxico mental. Neste modelo, os lexemas são selecionados pela recuperação, baseada na informação semântica, pragmática e sócio-pragmática que eles contêm, apenas selecionando a fala e envia ao formulador (um

tipo de "controle central" na atual produção de fala) a informação sintática sobre as categorias gramaticais e requerimentos de subcategorização que eles suportam. Este, por sua vez, ativa os procedimentos morfossintáticos, para construir uma estrutura de sentença. Outros procedimentos produzem a sentença real.

O modelo da Estrutura da Língua Base começa reconhecendo três tipos de constituintes intra-sentenciais de alternância de código: (a) as línguas bases (LB) das "ilhas" que consistem, totalmente, de morfemas de LB. Os morfemas mostram dependências da composição estrutural interna, encontrando o LB em condições bem formadas; (b) as línguas introduzidas (LI) das "ilhas" são retiradas, totalmente, de morfemas LI e devem encontrar condições de LI bem formadas; (c) os constituintes misturados (LB + LI) consistem em dois modelos característicos. Um simples lexema ocorre de forma introduzida LI em qualquer número de lexemas de LB ou em uma "ilha" LI (um substantivo modificador) dentro de uma estrutura morfossintática maior de LB.

Nestes tipos de constituintes, dentro de alternância de código intra-sentenciais, as línguas envolvidas possuem regras diferentes; a LB é mais ativada, e a coerência de seus morfemas é mais livre do que as de LI. Em termos práticos, o Modelo da Estrutura da Língua Base restringe e indica o papel de LI com seu sistema de morfemas, que é severamente mais condicionado. A única maneira que a LB seja restrita é quando os seus lexemas podem ou não aparecer em "ilhas" de LI.

A viabilidade do Modelo da Estrutura da Língua Base depende da especificação de uma língua como LB. Neste modelo, proposto por Myers-Scotton, os morfemas devem ser da língua base. A língua base é a mais ativada dos dois sistemas em contato, identificada nas bases da frequência relativa de morfemas, bem como na competência do falante. Este modelo apóia-se na suposição de que sentenças com alternância de código possuem uma língua base (LB) e uma língua introduzida (LI). Segundo o autor, para se identificar este fenômeno de alternância de código, na língua base no falar de um falante, é necessário que na estrutura intra-sentencial dos constituintes ocorra na língua dominante.

Segundo os estudos de Myers-Scotton (1993, 1997), a alternância de código pode ser analisada em suas funções sócio-pragmáticas, bem como, em suas formas estruturais. Myers-Scotton considerou os papéis relativos a fatores



sócio-pragmáticos e cognitivos ao explicar padrões de alternância de código. Esses estudos oferecem evidências empíricas do desempenho de alternância de código, e mostram a variação entre as comunidades, podendo ser variáveis sociológicas, sócio-pragmáticas ou psicológicas. As motivações podem ser explicadas pelo Modelo Marcado e consideradas pelos aspectos previstos no Modelo da Estrutura da Língua Base, ou seja, a evidência empírica, na literatura, indica que as estratégias estruturais possíveis, sob este modelo, levarão em conta a variação do desempenho de alternância de código em qualquer comunidade lingüística, mas não levarão em conta a situação social, cultural e histórica, ou se o desempenho de alternância de código pode variar entre as comunidades e, também, entre falantes de uma determinada comunidade de fala.

No estudo sobre a interpretação de alternâncias de códigos, concluiu-se que há restrições nas descrições, nas análises e interpretações, no plano lingüístico de regras gramaticais quanto ao uso de dois sistemas lingüísticos em uma interação comunicativa, bem como, os fatores societal, cultural, históricos e sócio-pragmáticos que apresentam os participantes de um determinado grupo étnico lingüístico.

Romaine (1995), em seus estudos sobre o uso do verbo composto em panjabi/inglês, sugeriu a aceitação de uma estrutura sintática convergente ou um fenômeno de um terceiro sistema lingüístico. Para a autora, um código misturado tem suas próprias regras e restrições, bem como, sua própria função sociolingüística no repertório da comunidade.

Assim, também, Muysken (1995, p. 188) diz que pode ser conveniente discutir a relação entre o Modelo de Regência e Ligação e o modelo elaborado por Myers-Scotton (1993). Os dois modelos dividem a idéia de uma assimetria entre língua-base e uma língua introduzida. Para Romaine, língua-base é aquela que domina e, ou é regencial. Diz, também, que o que está mais próximo de uma possível análise do fenômeno de alternância são os últimos estudos de Myers-Scotton e do próprio autor, quando analisam os elementos funcionais como regência de alternância de código.

Para este modelo, o que é relevante na análise deste fenômeno é o papel da língua base. O modelo vê a estrutura de qualquer frase como uma indicação de especificações estruturais. A construção da estrutura é dirigida por aqueles lexemas que se encontram no léxico mental, ativado pelo nível conceitual (intenções do falante

chamando atenção a informação referencial, pragmática e mensagens sócio-pragmáticas). Os lexemas são selecionados pela recuperação, baseada na fala que envia ao formulador a informação sintática sobre as categorias gramaticais e elementos de subcategorização que eles suportam. Este, por sua vez, ativa os procedimentos morfossintáticos para construir uma estrutura de sentença e outros procedimentos produzem a sentença real.

Pôde-se, então, verificar o aparecimento de formas estruturais, em que os elementos não regenciados, como os advérbios e a expressão retórica, podem ser livremente alternados, pois não houve rompimento na cadeia de regência em que o elemento principal (verbo) determina a língua base, ou seja, o *Brasildeutsch*. Há uma correspondência fonológica parcial, como no caso da interação comunicativa de uma participante do sexo feminino de cinquenta e dois anos, com cinco anos de escolaridade, cujos pais eram da área rural, profissão do lar, de Marechal Cândido Rondon, “... *hier zu Haus wasch ich gern die calçada, ich hab gern die calçada sauber... die Blumen pflanzen, das tu ich gern machen... cuidar e replantar as orquídeas... so, wie das ist im Garten...*” ‘... aqui em casa eu gosto de lavar a calçada, eu gosto de ter a calçada limpa... plantar as flores, isso eu gosto de fazer... cuidar e replantar as orquídeas... assim, como é no jardim...’ (OP em MCR, Borstel, 1999, p. 175). Observe-se, nesta fala, que a LB + constituinte LI consistem de ocorrências de morfemas de LI, introduzidos na ocorrência de morfemas LB. A primeira e a segunda frase verbal encontram-se na ordem do (B), e o OD em (P). E, ainda, na quinta frase verbal todos os constituintes são enunciados em português.

Assim, também, analisou-se e interpretou-se o *talian* de um participante do sexo masculino de oitenta e três anos, agricultor que teve quatro anos de escolaridade, de Palotina, “*Mi nõnno el chiàmava Inocente Pedron, nàscito in Treviso, Itália. Morreu in Palotina, Brasil. Laborear in colônia, sempre, sempre... amava la comunità i o Brasil*” (OP em P, BORSTEL e DOTTO, 2002).

Nesta fala, também não houve o rompimento na cadeia de regência. A primeira frase verbal determina a LB, o italiano. Na segunda frase, o grupo verbal determina a LI + constituinte da LB e + o constituinte da LI. Já na terceira frase, o grupo verbal é da LB + constituinte de LI consiste em ocorrências de morfemas substantivo e advérbios, os últimos caracterizando



uma expressão retórica na LI (...*sempre, sempre...*).

Observou-se tanto no *Brasildeutsch* assim como no *talian* que este “falar brasileiro” determina a ordem dos elementos em constituintes misturados de alternância de código, isto é, a mistura de morfemas de língua base e língua introduzida produzem funções de morfemas em tais constituintes.

Nestas pesquisas, os participantes das interações comunicativas disseram que tinham orgulho de suas origens étnicas e de cultivarem a língua, o dialeto e os costumes de seus antepassados, de geração a geração. Nas narrativas familiares, os participantes ratificaram que o seu falar alemão e, ou italiano estava “errado e misturado do falar brasileiro”, isso pôde ser constatado na fala de uma participante descendente de italiano, anteriormente citado, “*.Là in casa se parleia* (parlâre:fala) *tuti* (tutto: tudo) *in italiano, o brasileiro só na escola. Parlar brasiliam, le dizia la nonna...*” (OP em P, BORSTEL e DOTTO, 2002). Esses usos de traços dialetais denominados por “falar brasileiro”, em comunidades de etnia alemã, foram citados por Damke (1997), no Rio Grande do Sul e Borstel (1992, 1999), em Marechal Cândido Rondon e Entre Rios-Guarapuava, Paraná, e em estudo de comunidades bilíngües italiano/português no Alto Uruguai Gaúcho, RS, por Confortin (1998).

O modelo de Myers-Scotton focaliza os elementos funcionais como regências de alternância de código, abordagem esta, que está mais próxima de um estudo universal deste fenômeno de uso de línguas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado permitiu que se chegasse a conclusões, que, de modo geral, sintetizam as descrições explicativas e interpretativas que trataram por um lado, dos fenômenos

lingüísticos em pauta, sob a perspectiva do estudo de línguas em contato, e, por outro, da análise e discussão dos traços lingüísticos com base em estudos sócio-pragmáticos e gramaticais de pesquisa empírica de falares de dois grupos de minorias étnicas (alemãs e italianas).

A partir destes dados de alternâncias lingüísticas (alternâncias de códigos) apresentadas, analisadas e interpretadas sobre os usos situacionais de línguas sob uma visão sócio-pragmática concluiu-se que, do ponto de vista fonético, as estruturas lingüísticas desses falares de minorias étnicas, nas comunidades de Marechal Cândido Rondon e na de Palotina, ainda mantêm os traços lingüísticos do *Brasildeutsch* e do *talian* em suas interações comunicativas no grupo social e familiar no qual estão inseridos.

Nas duas comunidades houve uma forte influência do *Brasildeutsch* e do *talian* no falar português, como mostram as alternâncias fonológicas, bem como as interferências gramaticais e lexicais nas interações comunicativas com estes participantes.

Tal constatação, por sua vez, possibilitou confirmar a hipótese de que se está diante de uma estrutura lingüística que não é mais a língua alemã e a italiana em sua forma original nas duas comunidades, mas sim, uma variação lingüística que marca a identidade étnica e cultural nestas duas comunidades “o falar brasileiro”, mesmo que esta seja estigmatizada pela sociedade majoritária. Estes grupos de minorias lingüísticas demonstraram a sua expressão de lealdade para com sua identidade étnica/cultural através da escolha de sua língua materna, pois, segundo Hall (1987, p. 46), “toda identidade está situada, posicionada em uma cultura, em uma língua e em uma história”, e é isso que ocorre nestas duas comunidades.

Por fim, deve-se acrescentar que o conhecimento desta realidade lingüística, aqui analisada, fornece alguma contribuição para o estudo descritivo, explicativo e interpretativo de traços de fala multilíngües em línguas em contato.

## REFERÊNCIAS

APPEL, R. e MUYSKEN, P. *Language Contact and Bilingualism*. Londres: Edward Arnold, 1987.  
BENTAHILA, A. e DAVIES, E.E. The syntax of Arabic-French code-switching. In: *Língua* 59, 1983, p. 301-30.  
BLOM J.P. e GUMPERZ, J.J. Social meaning in structure: code-switching in Norway. In: GUMPERZ, J.J. e HYMES, D. (eds.). *Directions in Sociolinguistics*. New York: Holt, Rinehart e Winston, 1972, p. 407-34.

BORSTEL, C.N. von. *Aspectos do bilingüismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil*. Florianópolis: UFSC, 1992 (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_. *Contato lingüístico e variação em duas comunidades bilíngües do Paraná*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. (Tese de Doutorado).

Revista  
do GELNE  
Ano 5  
Nos. 1 e 2  
2003



- \_\_\_\_\_. E DOTTO, V. L. A. A variação lingüística em línguas em contato. In: **Relatório final – UNIOESTE/TIDE**. Cascavel, PR.: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação-Divisão de Pesquisa, 2002, p. 1-30. (Relatório digitado para PRPPG/UNIOESTE).
- CONFORTIN, H. **A faina lingüística: estudo de comunidades bilíngües italiano-português do Alto Uruguai Gaúcho**. Porto Alegre: Ed. EST, 1998.
- COSTA, R. Valores da imigração italiana cem anos após. In: **Anais do I e do II fórum de estudos ítalo-brasileiros**. Instituto superior brasileiro-italiano de estudos e pesquisa. Imigração italiana. Estudos. Porto Alegre: Universidade de Caxias do Sul, 1979, p. 199-207.
- DAMKE, C. **Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbrasilien**. Heidelberg: Peter Lang, 1997. (Tese de Doutorado).
- DIEBOLD, A.R. Incipient bilingualism. **Language**, v.37, n.37, 1964, p.97-112.
- GARDNER-CHLOROS, P. Code-switching in community, regional and national repertoires: the myth of the discreteness of linguistic systems. In: MILROY, L. & MUYSKEN, P. (Orgs). **One speaker, two languages** : cross-disciplinary perspectives on code-switching. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 68-89.
- GRICE, H.P. Logic and Conversation. In: COLE, P. e MORGAN, J.L. (eds.) **Syntax and Semantics**, vol. 8, New York: Academic Press, 1975, p. 41-55.
- GROSJEAN, F. **Life with two languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- GUMPERZ, J. J. Hindi Punjabi code switching in Delhi. **Proceeding of the ninth International Congress of Linguistics**, 1964, p. 1115-24.
- GUMPERZ, J.J. **A Discourse strategies**. Cambridge : Cambridge University Press, 1982a.
- \_\_\_\_\_. **Language and social identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982b.
- HALL, S. Minimal selves. In: **The real me: modernism and the question of identity**. Londres: ICA Documents 6, 1987, p. 44-6.
- HAUGEN, E. Bilingualism, language contact, and immigrant languages in the United States: a research report 1956-1970. In: SEBEOK, T.A. (Ed.) **Current trends in linguistics**. Mouton, 10, Linguistics in North America, 1973, p. 506-540.
- HEYE, J. Sociolingüística. In: PAIS, C. T. e RECTOR, M. **Manual de lingüística**. Petrópolis, Vozes, 1979; 2.ed. Global, 1986.
- HOFFMANN, C. **An introduction to bilingualism**. England : Longman, 1991.
- HYMES, D. The ethnography of speaking. In: FISHMAN, J. (Ed.). **Reading in the sociology of language I**. Mouton: The Hague, 1972, p.99-138.
- LABOV, W. Field Methods of the project on linguistic change and variation. In: BAUGH, J. e SHERZER, J. (eds.). **Language in Use**. NJ : Prentice-Hall, 1986, p. 28-53.
- MACKEY, W.F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J. A. (ed) **Readings in the sociology of language**. Haia: Mouton, 1968, p. 554-584.
- MANFROI, O. Imigração alemã e italiana: estudo comparativo. In: **Anais do I e do II fórum de estudos ítalo-brasileiros**. Instituto superior brasileiro-italiano de estudos e pesquisa. Imigração italiana. Estudos. Porto Alegre: Universidade de Caxias do Sul, 1979, p. 185-197.
- MARTINET, A. **Função e dinâmica das línguas**. Coimbra: Almedina, 1995.
- MILROY, L. e MUYSKEN, P. **One speaker, two languages** : Cross-disciplinary perspectives on code-switching. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- MUYSKEN, P. Code-switching and grammatical theory. In: MILROY, L. e MUYSKEN, P. (orgs.) **One speaker, two languages**: cross-disciplinary perspectives on code-switching. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p.177-198.
- MYERS-SCOTTON, C. Common and uncommon ground: social and structural factors in codeswitching. **Language in Society**, v.22, 1993, p. 475-503.
- \_\_\_\_\_. **Duelling languages**. Grammatical Structure in Codeswitching. 2.ed. New York : Oxford University Press, 1997.
- NORTIER, J. **Dutch-Moroccan Arabic code switching**. Dordrecht: Foris, 1990.
- PFAFF, C. Mixing and linguistic convergence in migrant speech communities: Linguistic constraints, social conditions and models of acquisition. In: LÜDI, G. (ed.), **Papers for the Workshop on Constraints, Conditions and Models**. Strasbourg: European Science Foundation, 1990, p. 119-153.
- POPLACK, S. Sometimes I'll start a sentence in Spanish Y TERMINO EN ESPAÑOL. In: **Linguistic** 18, 1980, p. 581-618.
- \_\_\_\_\_. Constrasting patterns of code-switching in two communities. In: HELLER, M. **Codeswitching**: anthropological and sociolinguistic perspectives. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988, p. 215-244.
- \_\_\_\_\_. e SANKOFF, D. Code-switching. In: AMMON, U. DITTMAR, N. e MATHEIS, K. (eds) **Sociolinguistics**. An International Handbook of the Science of Language and Society, vol. II, Berlin: Mouton de Gruyter, 1988, p. 1174-1180.
- ROMAINE, S. **Bilingualism**. 2.ed. Oxford : Basil Blackwell, 1992.
- SAVEDRA, M.G. e HEYE, J. Considerações sobre o bilingüismo. **Cadernos de Letras**, Rio de Janeiro, 1993, p.45-48.
- \_\_\_\_\_. Dimensões de bilingüismo e bilingüidade na aquisição e uso de duas línguas. In: **Anais ASSEL 5.**, Rio de Janeiro, 1996, p. 267-79.
- SAVEDRA, M. G. **Bilingüismo e bilingüidade: o tempo passado no discurso em língua portuguesa e alemã**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. (Tese de Doutorado).
- SILVA-CÓRVALAN, C. **Sociolingüística teoría y análisis**. Madrid: Alhambra, 1992.
- SWIGART, L. Two codes or one? The insider's view and the description of codeswitching in Dakar. In: **Journal of Multilingual and Multicultural Development** 13, 1992, p. 83-102.
- TITONE, R. On the Psychological Meaning of Bilinguality: Psychological Mechanisms of the Bilingual Poerson. In: **ISAPL. Bulletin**, VI/2/Oct.97; VII/1/April/98, 1998.
- TREFFERS-DALLER, J. **French-Dutch language mixture in Brussels**. Amsterdam, University of Amsterdam, 1991. ( Tese de Doutorado).
- WEINREICH, U. **Languages in Contact**. New York: Linguistic Circle & The Hague, 1953.